

## A rede de sentidos e a tríade experiência, narratividade e interpretação

Sérgio Oliveira dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** A ideia central do artigo é criar uma aproximação entre o mundo da vida com a rede de sentidos, um dos construtos da motricidade vital. O estudo também aborda as possibilidades de modulação da rede de sentidos pela tríade: experiência, narratividade e interpretação.

**Palavras-chave:** Motricidade vital; Rede de sentidos; Experiência; Narratividade; Interpretação.

**Abstract:** The central idea of the article is to create an approximation between the world of life and the network of sense, one of the constructs of vital motricity. The study also addresses the possibilities of modulation of the network of senses by the triad: experience, narrativity and interpretation.

**Keywords:** Vital motricity; Network of senses; Experience; Narrativity; Interpretation.

### Introdução

Sabe aquela sensação boa de preenchimento e plenitude que experimentamos, porque algo que realizamos tem muita importância para nós e para aqueles que queremos bem? Sabe aquela percepção de que, em torno de algo aparentemente simples, nos encontramos preenchidos de sentido? Ou então, devido à grande complexidade do mundo informacional, nos encontramos desorientados e até abatidos pela incapacidade de compreender tudo que nos afeta? Ou quando experimentamos uma forte emoção que, em algumas situações pode nos paralisar, mas em outras, pode nos impulsionar para novos direcionamentos da vida. Ou, quem sabe, quando surge uma sensação de vazio, uma ausência de algo que não sabemos explicar o que é? Ou, aquela sensação de indignação, de injustiça e até de revolta quando sentimos na pele a força das desigualdades materiais e imateriais em que grande parte das sociedades estão imersas. E, como não falar das incertezas e inseguranças que acionam nosso sentido existencial, potencializadas pela crise sindêmica<sup>2</sup> que vivemos.

E se, diante dessas circunstâncias, e muitas outras com que nos deparamos no cotidiano da vida, pudéssemos encontrar uma matriz compreensiva que sintetizasse nossas percepções e consciências? A motricidade vital pode ser um caminho promissor.

Se você se interessa por esse assunto, e deseja descobrir como esses fenômenos são modulados, venha desvelar conosco a rede de sentidos<sup>3</sup> e a vida motrícia.

---

<sup>1</sup> Doutor e Mestre em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Professor formador do CECAPE (Centro de Capacitação dos Profissionais da Educação Dr<sup>a</sup> Zilda Arns – SCSul). Membro do CEMOROC/ USP – Centro de Estudos Medievais Oriente-Occidente) e Membro do Coletivo Motricidade Vital.

<sup>2</sup> O conceito de sindemia foi criado pelo médico e antropólogo americano Merrill Singer e trata de compreender as relações entre doenças sistêmicas numa abordagem mais ampla, inclusive considerando os fatores e contextos socioeconômicos onde elas se instalam.

<sup>3</sup> A expressão “rede de sentidos” é utilizada também por Laurenio Leite Sombra (2015) para traduzir as relações entre signos, significações, percepções e narrativas que se articulam numa rede de

## Corporeidade como princípio

Nossa trajetória começa com uma apreciação musical para ampliar nossa perspectiva interpretativa. Convidamos você a ouvir a canção “Café” de Jorge Benjor, disponível no link a seguir: <<https://www.youtube.com/watch?v=kv1FCrNssxM>>.

Você é um apreciador de café? Sim? Não? Já parou para pensar porque aprecia ou não essa bebida e sua cultura? Será que a bebida se tornou universalmente consumida apenas por sua composição química e as respectivas alterações orgânicas que promovem em nosso corpo? Por acaso, tomar café é um ato idêntico para todas as pessoas em todos os momentos e lugares? O que podemos dizer sobre esse ato do ponto de vista de nosso sentido? Ou, colocando a pergunta de outra maneira: qual é o sentido de apreciarmos ou não o café? Como o café afeta, afeiçoa e provoca diversas percepções em algumas pessoas, mas em outras não? Como podemos aprender sobre nosso modo de agir no mundo a partir daquilo que o ato de tomar café proporciona como experiência humana?

Em torno do café há um universo cultural amplo. Em um grão de café cabem muitos dos sentidos humanos. Exemplo: Para aquele que, desde pequeno, é acolhido pelo ritual matinal do café preparado no momento de despertar, cujo aroma invade a casa da zona rural, enquanto passava as férias na casa dos avós, possivelmente terá seus sentidos modulados para uma sensação de aconchego e acolhimento, sensação que pode perdurar por toda a vida. A pessoa que passa por uma experiência como essa, possivelmente vai gostar de café. Mas nem todas as experiências vividas com a bebida são agradáveis, ou potencialmente emancipadora dos sentidos. Vejamos o exemplo de casos da exploração da força de trabalho em fazendas produtoras de café<sup>4</sup>. Nesse caso, podem ser configurados outros sentidos sobre a bebida e seus ritos. O fato que desejo destacar é: em torno do café um leque de sentidos orbita o ato de sorver o líquido. Os Cafés, como espaço de encontro, são exemplo disso. *Grosso modo*, o café abre o leque de possibilidades de modulação dos sentidos, seja de forma emancipadora ou manipuladora.



No ato da colheita de café o corpo enativo está presente, acionando toda a rede de sentidos. O corpo vive a sensibilidade do toque nos grãos, dos seus aromas, além das tonalidades de cores e das diferentes texturas que indicam a jeito próprio do manejo. A sabedoria corpórea integra-se com a sabedoria da natureza num único fluxo regenerativo. Será que esse conjunto de percepções chega conscientemente àqueles que experimentam o trabalho em regime de quase escravidão?

Figura 1 - Nosso café tem história<sup>5</sup>

---

intencionalidades e valorações. Sua perspectiva aponta para uma rede onde ocorrem os processos de subjetivação a partir da articulação dos signos. Está mais voltada a uma perspectiva semântica.

<sup>4</sup> “Operação flagra trabalho escravo em fazenda de café e resgata servidores em Machado, MG”. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2020/07/23/operacao-flagra-trabalho-escravo-em-fazenda-de-caffe-e-resgata-servidores-em-machado-mg.ghtml> . Acesso em: 26 fev. 2021. “Resgatadas 59 vítimas de trabalho escravo em fazendas de café no Brasil”. Disponível em: <<https://www.dn.pt/mundo/resgatadas-59-vitimas-de-trabalho-escravo-em-fazendas-de-caffe-no-brasil-11266186.html>>. Acesso em: 26 fev. 2021.

<sup>5</sup> Disponível em: <http://www.assin.org.br/assuntos-gerais/o-nosso-caffe-tem-historia/>. Acesso em: 26 fev. 2021.

Claro que aqui estou propondo uma abordagem metafórica. O ato de tomar café abre horizontes de modulações dos sentidos, mas, será que o mesmo se dá com outros atos humanos? Como esse exemplo pode estar relacionado com o mundo da vida cotidiana e, para além disso, com aquilo que faz sentido na vida?

Para seguir com a proposta de compreendermos a rede de sentidos e ampliarmos essa abordagem para o mundo da vida, vamos falar um pouco de corpo. Desse corpo interativo, que nos proporciona um acoplamento estrutural com o mundo, condição de demarcação originária daquilo que somos. Não uma demarcação que nos impõe um limite de ocupação espacial, como se fora tão só um corpo físico, mas uma corporeidade. “O corpo é profusão do sensível. Ele é incluído no movimento das coisas e se mistura a elas como todos os seus sentidos” (LE BRETON, 2016, p. 11). Um corpo que visa transcender, pois deseja ir além da condição de habitar um espaço físico, que anseia vislumbrar sentidos, coerências, participações e possibilidades de se vincular e realizar no e com o mundo. Um corpo que não se atém somente em prover seus condicionantes biológicos de suprimentos orgânicos (mesmo sabendo que são essencialmente necessários para o estabelecimento da vida), mas que deseja romper com o tempo linear e causal, para viver o tempo da reflexão, da contemplação, da apreciação e, especialmente, da criação de mundos possíveis. Um corpo que é copartícipe com outros centros de iniciativa da vida planetária.

Contemplamos, tocamos, ouvimos e medimos o mundo com toda nossa existência corporal, e o mundo que experimentamos se torna organizado e articulado em torno do centro de nosso corpo. (...) estamos em um diálogo e interação constantes com o ambiente, a ponto de ser impossível separar o ego de sua existência espacial e situacional. (PALLASMAA, 2011, p. 61)

Esse corpo que somos e que existe acoplado no mundo de dimensionalidade física, biológica, antropológica e transcendental, interatua por uma rede de sentidos e, nessa rede que nos constitui, diversas modulações vão ocorrendo ao longo da vida. Esse é nosso corpo enativo<sup>6</sup>.

## **A vida que sentimos na pele**

*“(...) só quem está no front sente na pele que a vida é osso”<sup>7</sup>.*

Mas será que na vida cotidiana, para grande parte das pessoas, há o tempo da contemplação, da reflexão e da tomada de consciência do movimento de si em comunhão, que permite uma mobilização para além da manutenção de suas necessidades básicas e a busca de sentido?

---

<sup>6</sup> “O corpo aparece, nessa perspectiva, simultaneamente como um “ponto zero” de orientação, em relação ao qual o mundo nos aparece, e um conjunto implícito de possibilidades das possibilidades de ação” (BAUM; KROEF, 2018).

<sup>7</sup> Depoimento de um entregador que trabalha por aplicativo e que foi bloqueado por reclamações infundadas de clientes que, após receber seu pedido, dizem que não receberam a mercadoria para pedir reembolso. Referência – UOL Notícias – Título da reportagem: Passamos fome e golpe ainda pode tirar nosso trabalho. Esse é um retrato de trabalho precarizado. Como aponta Ricardo Antunes (2018, p.38): “(...) o que temos é mais precarização, mais informalidade, mais eliminação de postos de trabalho, menos pessoas trabalhando com os direitos preservados”.

As desigualdades imperam, tanto na ordem material como na ordem simbólica. Para muitos humanos a vida que é sentida na pele em seu dia a dia vai seguindo com muitas fragilidades, muitas carências, esvaziamentos e lacunas de sentido, especialmente diante das intermináveis crises que vão se instalando umas sobre as outras.

A vida que importa é aquela que sentimos na pele, tanto nos momentos de plenitude como nos momentos desafiadores. Em ambas as situações, os sentidos estão sempre presentes. Interagimos no mundo desde muito pequenos e, em toda trajetória da vida, são muitas as oportunidades corpóreas de agir, sentir, pensar, relacionar, valorar e expressar nossos sentidos. A educação tem um papel importantíssimo nesse processo de configuração de si. Mas, sabemos mesmo o que são os sentidos? Muitas pessoas falam que as coisas precisam ter sentido, que as ações precisam fazer sentido, que a vida deve ter sentido. Mas, o que é o sentido e qual sua aproximação com o corpo que somos e com o mundo que vivemos e projetamos?

Vamos apresentar a nossa matriz compreensiva sobre a rede de sentidos. Esperamos que você se sinta contemplado com essa abordagem e que, de algum modo, a rede de sentidos aqui desvelada possa ajudá-lo(a) a compor uma vida criadora.

### **A rede de sentidos**

Para as primeiras incursões para acessar e compreender a rede de sentidos, optamos por apresentar uma breve etimologia da palavra sentido.

“Sense”, como faculdade de percepção: aplicação a qualquer um dos sentidos internos ou externos (tato, visão, audição, etc.); significado; importação; interpretação. Do francês antigo “Sens”, compreendido como: um dos cinco sentidos; significado; sagacidade; compreensão. Do latim “Sensus”, quer dizer: percepção; sentimento; empreendimento; significado. De “Sentire”: perceber; sentir para encontrar o caminho “ou” ir mentalmente. Também pode ser “Sent”: enviar; para ir. Do antigo alto alemão “Sinnan” ou “Sinn”: ir; viajar; se esforçar; ter em mente; perceber; caminho; jornada.

Temiandu/ Remiandu: o sentido para os povos Guarani<sup>8</sup>. “Temos várias culturas diferentes, mas compartilhamos um mesmo sentir que unifica todos os seres viventes neste planeta”. Os sentimentos e emoções não variam e nos pertencem. “Lo que los ojos no ven, el alma lo lee”. O ser humano é um ser social e para isso necessita da via das comunicações não verbais que permitem:

- Encontrarmos e nos conhecermos;
- Descobrir meu sentir e o sentir do outro;
- Identificar e amigar-me com as emoções;
- Aprender a tolerar;
- Criar empatia com o ser criativo que todos nós levamos;
- Fluir; Evoluir;

Pela breve exposição de uma análise etimológica da palavra sentido, observa-se que não há uma única determinação compreensiva, há um conjunto delas.

---

<sup>8</sup> Cf. Temiandu (Sentimientos) Ñe'ëpoty - Poema Bilingüe de Luisa Blumenthal. Uma demonstração de rede de sentidos, ou seja, da relação entre o corpo sensível com o mundo natural e a linguagem poética. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=shM3IVDLzwQ&feature=emb\\_logo](https://www.youtube.com/watch?v=shM3IVDLzwQ&feature=emb_logo)> . Acesso em: 08 de jan. 2020.

Propomos que os sentidos sejam compreendidos como uma rede, e não como uma única disposição delimitada por algum campo científico específico (SANTOS, 2020, p. 50).

Rede de sentidos:

Sentido sensível – órgãos sensoriais – corpo sensor.

Sentido direcional – direção, caminho, via.

Sentido semântico – Significado – Sentido linguístico – Múltiplas linguagens.

Sentido situacional – Noção de espaço/temporalidade

Sentido das realidades - Objetiva, subjetiva, intersubjetiva, transcendente.

Sentido existencial – Percepção da própria existência. Noção de si mesmo. Noção de identidade e pertencimento.

Sentido emocional – Sentimentos de ordem pré-reflexiva.

Sentido axiológico – Campo valorativo.



Figura 2 – Rede de Sentidos na perspectiva da Motricidade Vital

Como rede, propomos que os sentidos correspondem a um complexo entrelaçamento de intencionalidades do corpo enativo, ou seja, do corpo que interage no mundo natural e cultural (SANTOS, 2020, p. 50 ). O conjunto de intencionalidades que formam a rede de sentidos fluem pela motricidade, condição que dá sustentação do modo de agir-humano-no-mundo, oportunidade da vida transcender em plenitude, por isso, motricidade vital. Será que dá para observar isso no ato de tomar café? Será que dá para observar isso em todo e qualquer ato humano? Será que podemos tomar consciência de nossa vida cotidiana referenciados por essa matriz compreensiva a ponto de conseguir identificar que sentidos estão sendo potencializados, quais estão necessitando mais fomento e, principalmente, quais estão sendo manipulados pelas forças narrativas hegemônicas?

Mas, não paremos aí. Vamos dar mais alguns passos nessa jornada. Para isso vou propor mais uma pergunta: se os sentidos, como uma rede, são passíveis de modulações, como elas ocorrem?

### **Tríade: experiência, narratividade e interpretação**

Quando você para para tomar um café, ou quando você vive uma forte emoção, ou quando você se indigna com as injustiças que giram ao seu redor, há um fenômeno comum: em todas essas situações, mesmo que distintas, há o acionamento de sua rede de sentidos. Você já parou para pensar nisso por essa perspectiva?

Podemos dizer então que a rede de sentidos é acionada e modulada a partir das experiências que vivemos no cotidiano. Mas, parte das experiências que vivemos dia a dia não são apenas de um corpo físico diante da realidade material, é também um habitar semântico, valorativo, direcional, situacional e existencial imerso em narrativas e interpretações. Isso significa que também aciona-se e modula-se a rede de sentidos pelas narrativas que se entrelaçam em nossos atos, por que, como humanos, somos seres de linguagens.

(...) o corpo é um provedor constante de significações. Frente a uma mesma realidade, indivíduos e corpos impregnados de culturas e histórias diferentes não provam as mesmas sensações e não decifram os mesmos dados: todos são sensíveis às informações que reconhecem e que reenviam ao seu **sistema de referência própria**. (LE BRETON, 2016, p. 29). *Grifo nosso*.

O sistema de referência própria que fala David Le Breton é o que estamos chamando de rede de sentidos.

Vejamos por exemplo o fenômeno do BBB (*Big Brothers Brasil*)<sup>9</sup>. É um jogo de entretenimento, tipo *reality show* onde a vigilância extrema é naturalizada, quase como uma novela, onde diferentes “brothers” expõem suas personalidades registradas por câmeras. É o mundo da vida cotidiana se tornando mercadoria. Como explicar que esse tipo de programa de televisão consegue mobilizar tantas pessoas? Como explicar a audiência e as torcidas pelas “personagens” dessa realidade supervisionada? O quanto esse tipo de programa reflete os temas emergentes daquilo que as pessoas vivem no dia a dia? O quanto esse tipo de programação “preenche” as lacunas de sentido daqueles que, em seu cotidiano, não têm a possibilidades de acionarem conscientemente sua própria rede de sentidos e, devido a sua vulnerabilidade semântica<sup>10</sup>, projetam seus esgarçamentos de sentido nas “personagens” de um

---

<sup>9</sup> Para o tema, veja a reportagem: “UTIs em colapso país afora e o Brasil de Bolsonaro, sem máscara, comemora o BBB e o Mengão”. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=MltSa3Z7yqs>>. Acesso em: 27 de fev. 2021.

<sup>10</sup> Vulnerabilidade semântica é compreendida como conjunto de deficits na formação dos sentidos do agir-humano-no-mundo, que vai se instalando em situações diversas, como: excesso de informação; aceleração dos procedimentos sem tempo para criar momentos reflexivos de ordem individual e coletiva; dificuldade de atenção e presencialidade; redução das experiências significativas onde a corporeidade possa assumir o referencial perceptivo; a redução dos autênticos encontros humano-natureza-cultura; substituição dos processos interpretativos por aplicativos decodificadores, manipulações informacionais por meios midiáticos diversos; potencialização representativa de estados emocionais em narrativas ficcionais. O termo déficit é como um estado de carência, que não podemos atribuir somente ao ser na sua individualidade, mas numa perspectiva também coletiva devido à complexa rede geradora de desigualdades.

programa de tv, suas narrativas e suas formas de interpretar uma “vida ficcional”? Será um tipo de fuga da realidade diante de tantas situações angustiantes que estão afetando diretamente os sentidos de tantos brasileiros?

Para além de problematizar, o que desejo destacar é a força que as narrativas exercem na modulação de nossa rede de sentidos. Por isso temos que tomar consciência dessa força, especialmente no tempo em que vivemos, onde há uma explosão de muitas narrativas.

Segundo Harari (2018, p. 339), para que as narrativas permitam construir uma identidade viável e emprestar sentido à vida, ela não precisa ser completa, basta satisfazer duas condições: oferecer algum papel à desempenhar e se estender para além dos horizontes daquele que a acolhe. “A narrativa me provê de uma identidade e dá sentido a minha vida ao incorporar a algo maior que eu mesmo” (*idem, ibidem*, p. 339). Segue o autor afirmando que a narrativa não necessariamente precisa ser verdadeira para fazer sentido e prover o ser de identidade (*idem, ibidem*, p. 345).

Se as narrativas são tão efetivas nas modulações da rede de sentidos, como interpretá-las sem sermos manipulados? Que referência consciente podemos adotar?

Assim, como as múltiplas linguagens fazem parte de nossa vida cotidiana e participam ativamente da modulação de nossa rede de sentidos, é também uma abertura para lê-las. O mundo das palavras, dos sons, dos gestos, das emoções, das imagens, dos aromas, das circunstâncias, dos vídeos, das expressões corporais, dos símbolos, dos ritos, das estruturas arquitetônicas, etc., são todas elas dimensões da vida mesma para serem “lidas”, ou seja, interpretadas.

As dificuldades se instalam ainda mais quando não conseguimos equalizar e relacionar as nossas experiências e a nossa possibilidade de interpretação em um mundo narrativo superdimensionado. A era da decodificação alarga os déficits e as lacunas de sentido.

Conforme a computação e seus produtos cada vez mais nos cercam, ganham poder e capacidade de gerar a verdade, e começam a assumir cada vez mais tarefas cognitivas, a realidade em si adquire a aparência de computador; e nossas modalidades de pensamento vão junto. (BRIDLE, 2019, p. 55)

Enfim, o que se propõe é que a nossa rede de sentidos está sendo constantemente modulada por essa tríade: as experiências que vivemos, as diversas narrativas que estamos imersos e a miríade de possibilidades interpretativas. Somos conscientes disso?

### **A consciência como ato**

*“Só aquilo que faz sentido, de maneira íntima ou essencial, penetra o campo da consciência, suscitando assim um instante de atenção” (LE BRETON, 2016, p. 27)*

Se a rede de sentidos é a possibilidade de interação com o mundo, ela precisa de estruturas que possam articular essa interação, ou seja, que criem uma maximização

da relação corpo-mundo-corpo. Essa condição relacional é exercida por nossa motricidade, que dinamiza as experiências, a narratividade e as interpretações.

Destaco um ato – entre tantos que dizem respeito à condição motrícia –, o ato da consciência. Consciência, pelo viés da motricidade vital, é um ato, não um lugar no cérebro. E como ato, nasce da interação do corpo no mundo pela rede de sentidos. A consciência, dentro dessa perspectiva, é compreendida como ato de presencializar atentamente a rede de sentido em relação com o entorno. Tomar consciência, portanto, é voltar-se para a rede de sentidos e encontrar-se em sua própria dinâmica. A motricidade vital propõe nossa atuação em três níveis de consciência: consciência de si, do outro e do cosmos.

Voltemos ao exemplo do café. O que é tomar consciência desse ato? É você fazer uso de seu sentido sensível que vai apresentar a você o aroma, o sabor, a textura, a temperatura, certo? Mas também, se você assim o fizer com intencionalidade, é a atmosfera em que você está, ou seja, o ambiente, o encontro com a cultura, o valor que doa e que recebe, etc. Assim como, para os que são explorados nessa enorme cadeia de relações em torno do produto, ter a potência para questionar esse dinamismo e reenviá-los direitos à dignidade. A consciência é a presença e atenção que você impõe sobre o ato em realização, tendo a rede de sentido como referencial de experiência, narratividade e interpretação, portanto, é uma condição dinâmica e relacional, não um lugar na mente.

A revelação da rede de sentidos nos convida a habitar o tempo com sentido, reconhecendo nossa corporeidade, que emerge desde a matriz sensível, pela nossa implicação com o mundo biodinâmico, potencializada pelas múltiplas possibilidades expressivas dadas às múltiplas linguagens, projetando narratividades e interpretações.

### **Finalizando: um pouco mais sobre a motricidade vital**

A ideia da rede de sentidos é um dos construtos que a motricidade vital busca desvelar e levar a compreensão das pessoas. Além dessa matriz compreensiva, também apontamos para outros princípios, vejamos:

- Reconhecer a presencialidade do tempo – perceber e atuar habitando o tempo e não apenas passando por ele;
- Reconhecer que habitamos o mundo com sentido profundo e valor ampliado. O que aponta para nossa condição de co-implicação: com as coisas, como outros entes viventes, com os fenômenos naturais e as construções socioculturais. Portanto, somos seres relacionais e formadores de vínculos.
- Reconhecer a nossa condição de ser em situação, isso significa que não apenas ocupamos um espaço físico, mas formamos âmbitos de realização.
- Reconhecer que somos seres de experiência. Aprendemos como corporeidade atuante e não apenas como cognição representativa do mundo, mas numa dinâmica formadora da historicidade singular e coletiva.
- Reconhecer que a consciência é ato de presencializar e perceber a nossa rede de sentidos em plena interatuação.

A motricidade vital convida a atuar na realização efetiva dos modos de ser, não como discurso, não como teoria, mas como práxis criadora. Convida a sentir, perceber, interatuar, refletir, criar, compartilhar, interpretar, experimentar, narrar as singularidades e pluralidades da vida, assim como ela é vivida no cotidiano, nas suas mais distintas formas, mas como compromisso consciente, não como fuga representativa.

A motricidade vital é relevante na atualidade para podermos reencontrar nossa essência como seres de iniciativa, levando em conta que não somos os únicos com direito a vida, nem somos os únicos representantes da vida. É reconhecer que há muitos outros centros de iniciativa, e que precisamos apreender e implicar-se com eles e não sobre eles. “Temos que abandonar o antropocentrismo; há muita vida além da gente, não fazemos falta na biodiversidade” (KRENAK, 2020b, p. 81).

A motricidade vital busca revelar que somos seres de experiência, narrativos, históricos, relacionais, conscientes, corpóreos, sensíveis, criadores e não decodificadores das realidades, sejam virtuais ou não.

A motricidade vital está atenta às vulnerabilidades semânticas e as “instaurações das ausências” (KRENAK, 2020a, p. 26). Cria e amplia os horizontes para situar-nos na complexidade do mundo. Assume a dinâmica da vida para questionar as distorções e os abusos. Direciona nossa consciência para os estados relacionais de tudo com tudo, de todos com todos, desde o sensível-inteligível ao apreensível-expressivo, ou seja, das experiências, das re-experiências, dos estados criadores, da imaginação e das narrativas.

## Referências

- ANTUNES, R. *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- BAUM, C.; KROEFF, R. F. S. Enação: conceitos introdutórios e contribuições contemporâneas. *Rev. Polis Psique*, Porto Alegre, v.8, n.2, maio/ago., 2018. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2238-152X2018000200011](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-152X2018000200011) . Acesso em: 02 março 2021.
- BRIDLE, J. *A nova idade das trevas: a tecnologia e o fim do futuro*. São Paulo: Todavia, 2019.
- HARARI, Y.N. *21 lições para o século 21*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.
- KRENAK, A. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.
- LE BRETON, D. *Antropologia dos sentidos*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016.
- PALLASMAA, J. *Os olhos da pele*. Porto Alegre: Bookman, 2011.

SANTOS, S.O. Da polaridade bios-cultural à rede de sentidos: outros caminhos possíveis para a educação física. *The Journal of the Latin American Socio-Cultural Studies of Sport* – ALESDE. Curitiba, v. 12, n. 1, p. 43-56, junho 2020. Disponível em:< <https://revistas.ufpr.br/alesde/article/view/71987/40879>>. Acesso em: 01 mar. 2021.

SOMBRA, L.L. Identidade dos sujeitos: linguagem, constituição de sentido e valor. *Revista Ssifo*, Feira de Santana-BA, n. 1, v. 1, 2015. Disponível em:< <file:///C:/Users/User/Downloads/identidadedossujeitos-RevistaSsifo.pdf>>. Acesso em: 27 fev. 2021.

Recebido para publicação em 28-02-21; aceito em 16-03-21